



DOSSIÊ: HISTÓRIA DAS MULHERES, DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E DAS SEXUALIDADES DISSIDENTES

História das Mulheres e a Hermenêutica do Cotidiano – entrevista com Maria Odila Leite da Silva Dias

Women's History and the Hermeneutic of Everyday life – interview with Maria Odila Leite da Silva Dias

Historia de las Mujeres y la Hermenéutica del Cotidiano – entrevista con Maria Odila Leite da Silva Dias

Joana Maria Pedro¹

orcid.org/0000-0001-5690-4859
joana.maria.pedro@ufsc.br

Roselane Neckel¹

orcid.org/0000-0002-3133-0737
roselaneneckel@gmail.com

Recebido em: 05/01/2021.

Aprovado em: 07/01/2021.

Publicado em: 30/04/2021.

Maria Odila Leite da Silva Dias possui graduação em História pela Universidade de São Paulo (USP) (1961), mestrado em História Social pela Universidade de São Paulo (1965) e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1972). Realizou estágios de pesquisa no British Museum, na Bodleian Library da Universidade de Oxford, na Universidade de Yale e na Library of Latin American Studies da Universidade do Texas, em Austin. Foi bolsista pesquisadora da Fapesp, da Fundação John Simon Guggenheim Foundation (1986) e *visiting professor* da Fundação Tinker (1987). Atualmente é professora titular aposentada da Universidade de São Paulo, onde mantém atividades de orientação de mestrado e doutorado. Recebeu o título de Professora Emérita da Faculdade de Filosofia da USP em 2013. Foi professora associada da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo de 1996 a 2013, quando se aposentou. Foi uma das fundadoras da *Revista de Estudos Feministas*. Seu livro *Quotidiano e Poder* (Brasiliense, 1984, 1995) foi traduzido para o inglês com o título *Power and Everyday Life. The lives of working class women in 19th Century Brazil* (Cambridge, UK, Polity Press, 1995), e publicado também nos Estados Unidos (New Brunswick, New Jersey, Rutgers University Press, 1995). Escreveu ensaios e estudos sobre história das mulheres e das relações familiares no Brasil, tais como: "Teoria e método dos estudos feministas: a hermenêutica do cotidiano", no livro *Uma questão de gênero*, organizado por Cristina Bruschini e Albertina Costa (1992); "Corpo, natureza e sociedade nas minas (1680-1730)", na *Revista Projeto História* (2002); "Modos de ser femininos em el Brasil de entresiglos", no livro *Historia de las mujeres en Espana y America latina*, organizado por Isabel Morant *et al.* (2006); "Escravas (de cultura bantu) no Brasil no século XIX: resistir e sobreviver", no livro *Nova História das mulheres no Brasil*, organizado por Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
 Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

¹ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC, Brasil.

Pedro (2012); "Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças", no livro *Pensamento feminista brasileiro. Formação e contexto*, organizado por Heloisa Buarque de Hollanda (2020); "Escravidão indígena e estratégias familiares no Brasil Colonial", no livro *Gênero*, organizado por Daniela Teperman, Thais Garrafa e Vera Iaconelli (2020).

Esta entrevista é o resultado de dois encontros com Maria Odila. O primeiro deles aconteceu em 24 de junho de 2005, como parte do projeto de pesquisa "Revoluções do Gênero: apropriações e identificações com o feminismo (1964-1985)", financiada pelo CNPq. Nessa ocasião, a entrevista foi feita em São Paulo, por Roselane Neckel.² A segunda entrevista foi realizada em 24 de fevereiro de 2020, especialmente para este texto, na Fazenda Cachoeira, na cidade de Arceburgo (MG), fronteira com a cidade de Mococa (SP). Nessa ocasião a entrevista foi realizada por Joana Maria Pedro, Roselane Neckel e Marcos Fábio Freire Montyzuma.³

Nas entrevistas, foi possível, a partir de suas memórias, construir aspectos da sua história profissional e da produção da sua subjetividade como mulher, branca, de classe média alta, que se tornou uma intelectual apaixonada pela pesquisa histórica e que ultrapassou as fronteiras de seu "lugar social".

Para quem a conhece de perto, Maria Odila é uma pessoa erudita e, ao mesmo tempo, simples e acolhedora. Atenciosa com estudantes e orientandos (as), generosa ao partilhar seus conhecimentos, gentil na hora de ensinar como pesquisar, como ler, como organizar um conhecimento novo. Tivemos a sorte de tê-la como professora e orientadora, e isso mudou nossa trajetória acadêmica.

Podemos falar sobre a sua família? Quando e como começou o seu interesse pela História? Qual a participação de sua mãe e de seu pai nas suas trajetórias profissional e pessoal? Você foi criada diferente de seus irmãos?

Meu interesse pela leitura, eu acho que começou na minha casa, porque quando eu nasci, meu pai era matemático⁴ da Universidade de São Paulo e estava fazendo a tese de doutoramento. A casa toda tinha um clima de trabalho, em torno dele as crianças não podiam fazer barulho etc.

Eu lia muito, desde pequena. Era uma casa cheia de livros. Papai tinha muitos livros de Filosofia. Platão eu comecei a ler à minha maneira na adolescência. Cresci, relativamente isolada, muito tímida, num ambiente de muitas visitas, muito contato com meus tios maternos. Mamãe tinha 14 irmãos. E eu sempre participava, sem participar, ia ler, mas tinha aquele burburinho, aquela movimentação ao redor.

Minha mãe era formada na Escola Normal, mas sempre cuidou dos filhos e da administração da casa. Desde pequena, ela me dizia o quanto era importante ser independente, ter um trabalho próprio, pois uma menina, tanto quanto seus irmãos, precisava ter uma carreira própria.

Fui educada para ser uma mulher feminista por uma mulher que não era declaradamente feminista: minha mãe. Ela não trabalhava, não tinha uma profissão dela, mas pregava o tempo todo a importância da independência, da autonomia da mulher, mesmo, e sobretudo, se viesse a me casar. Ela apoiou muito meus estudos até a entrada da faculdade. Ela e meu pai sempre me incentivaram muito!

² Essa entrevista foi transcrita por Veridiana Bertelli Ferreira de Oliveira.

³ Essa entrevista foi transcrita por Glenda Lunardi.

⁴ Candido da Lima da Silva Dias (1913-1998). Professor de Matemática, começou sua carreira como assistente do professor Luigi Fantappiè, e em seguida tornou-se docente da recém-criada Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo - FFCL da USP, em 1934. Candido Dias fez seu curso secundário no Liceu Franco Brasileiro "São Paulo". Entrou para a Escola Politécnica de São Paulo em fevereiro de 1932. Frequentou essa escola até o ano de 1934. Ainda no ano de 1934, matriculou-se na Seção de Matemática da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP. Durante os anos de 1935 e 1936, ainda como aluno, tomou parte ativa no Seminário de Matemática da Seção de Matemática, o qual era orientado pelo professor Luigi Fantappiè. Completou o curso de licenciatura em Matemática em novembro de 1936, na primeira turma de licenciados da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Sua tese de doutoramento teve repercussão internacional. Foi professor visitante na Universidade de Harvard, de Princeton e na Universidade de Chicago. Manteve contatos com Andre Weil do grupo Bourbaki, da Universidade de Paris. Foi diretor do Departamento de Matemática da Universidade de São Paulo de 1970-1974 e fundador do atual Instituto de Matemática da USP (DUARTE, 2014, p. 64).

Meu pai me deu de presente *Le Deuxième Sexe*, de Simone de Beauvoir,⁵ no meu aniversário de 14 anos. Tanto que eu li Simone de Beauvoir ainda muito jovem. Como criança, desde os 7 anos, fiz várias viagens ao exterior, relacionadas à vida acadêmica de meu pai. Papai⁶ viajava muito, sempre com todos os filhos. Fazia estágios de pesquisa no exterior e nós aprendíamos as línguas dos países que visitávamos.

Dos 7 aos 9 anos, morei nos Estados Unidos: um ano em Cambridge, na Universidade de Harvard (em Cambridge, estado de Massachusetts), outro em Chicago (estado de Illinois) e, finalmente, seis meses em Princeton. No *campus*, muito verde, morávamos numa residência destinada a convidados para o Institute for Advanced Studies. Todos os dias, indo e voltando do Instituto, passava o Albert Einstein, de cabelos brancos e roupas sempre escuras. Prestávamos atenção, ainda crianças, pois nos diziam que era o cientista mais importante do mundo. Quando eu tinha 17 anos, meu pai passou três meses na North Western University, em Evanston. Tive a oportunidade de assistir alguns cursos de literatura como ouvinte. Escolhi um curso sobre Shakespeare e outro sobre poesia contemporânea norte americana. Quando meu pai viajou para Europa, nós fomos todos. Um professor da História dizia ter encontrado o professor Candido no Museu do Louvre cercado de uma porção de pintinhos (risos). Éramos nós, as crianças. Fui criada só no meio de meninos. Era a filha única com quatro irmãos. Eu era a segunda, tinha três irmãos mais moços. Jogava futebol, beisebol, brigava. Quando os meninos se metiam em briga, eu também esmurrava os meninos. Desde pequena, na fazenda, apostava corrida a cavalo com eles, tinha os mesmos brinquedos.

Em São Paulo, estudei em uma escola francesa, no Liceu Pasteur. Papai tinha estudado lá. O colégio era francês, mas tinha a parte brasileira. Tinha um teatro francês, do qual participei fazendo uma personagem da peça de Molière: *Les Femmes Savantes*. Em duas ocasiões, Jean Louis Barrault fez espetáculos de mímica para os estudantes. Também fiz parte do jornalzinho da escola - o jornal estudantil *O Arauto*, onde eu escrevia uma coluna chamada "Extratos Filosóficos" e escrevia contos que foram premiados. Esse jornal ganhou o prêmio de melhor jornal estudantil do estado, em 1954. Seu diretor era um ex-aluno da escola, jornalista, redator chefe do jornal *Estado de S. Paulo*: Alvaro Augusto de Almeida Azevedo. Foi grande amigo e muito contribuiu para minha formação intelectual. Emprestava e me presenteava com livros, como que intuindo que me dedicaria à história do Brasil. Dele tenho um estudo sobre a importância da cultura tupi-guarani escrito na década de trinta, precedendo de muitos anos *Caminhos e Fronteiras*, do Prof. Sérgio.⁷ Faleceu de repente, aos 28 anos, de meningite e foi meu primeiro contato com a morte.

Mas por que você escolheu História? Por que que não Letras, Literatura, Matemática ou outra área do conhecimento? Seu pai era matemático, ele não a estimulou a seguir essa disciplina?

Sabe que eu não sei bem? Estava aberta para qualquer área das Ciências Humanas. Eu me lembro que eu pensei em fazer o curso de Filosofia e meu pai, que conhecia muito a faculdade, achava que teria mais oportunidades fazendo o curso de História. Acho que acertou, porque a Filosofia era o lugar mais fechado e machista que existia na USP, mas nas Letras, na História, na Matemática, tinha mulheres.

⁵ O livro *O segundo sexo – Le Deuxième Sexe*, em francês –, escrito por Simone de Beauvoir em 1949, foi uma grande referência para a geração que promoveu a chamada Segunda Onda do feminismo. Traduzido para inúmeras línguas, é referência nas memórias de muitas feministas no Brasil e em diferentes partes do mundo (PEDRO, 2007).

⁶ Candido de Lima Silva Dias seguiu, em fevereiro de 1948, para os Estados Unidos em viagem de estudos, com bolsa da Fundação Guggenheim, por indicação dos professores: André Weil, J. Dieudonné e Marshall Stone. Em março desse ano, foi nomeado como Research Fellow in Mathematics pela Universidade de Harvard. Em julho desse ano, transferiu-se para a Universidade de Chicago, onde foi nomeado como Research Associate, no departamento de Matemática. Nessa Universidade, trabalhou junto ao professor André Weyl. Em princípios de abril de 1949, mudou-se para Princeton, New Jersey, onde foi nomeado convidado pelo Institute for Advanced Studies (DUARTE, 2014, p. 72).

⁷ O livro *Caminhos e Fronteiras*, de Sérgio Buarque de Holanda, foi publicado em 1957.

Nossa casa vivia cheia de gente da Matemática. Lembro-me de Maurício Peixoto,⁸ de Leopoldo Nachbin,⁹ ambos do Rio de Janeiro; e de muitos convidados estrangeiros, com os quais papai falava com espontaneidade alemão, francês, inglês, italiano. O irmão da Simone Weil,¹⁰ a conhecida filósofa católica, André Weil, era um matemático famoso.¹¹ Visitou São Paulo algumas vezes, com a mulher, Nicole, e nós brincávamos com a Sylvie e os demais filhos deles.

Eu cresci em meio a livros dos mais diversos assuntos. Meu pai tinha uma biblioteca de Filosofia, mesmo para os dias de hoje, bem completa. Também lia livros sobre Filosofia das Ciências e tinha livros de História, além da parte de Matemática, pela qual nunca me interessei. Tinha todos os livros de Pierre Chaunu.¹² Ele costumava me presentear com livros que intuía serem de meu interesse. No meu último ano de faculdade, em 1961, foi dele que ganhei um exemplar do Edward Palmer Thompson,¹³ que cedo abriu muitos horizontes na minha formação de historiadora.

Você foi assistente do professor Sérgio Buarque de Holanda,¹⁴ como o conheceu? Por que você acha que foi convidada a ser sua assistente tendo tão pouca idade? Quais eram suas responsabilidades como assistente? Qual foi a reação

dos colegas do departamento de História?

Eu o vi pela primeira vez, em 1958, no terceiro andar da Faculdade de Filosofia da Maria Antônia. Foi durante um intervalo do seu concurso de Cátedra para História do Brasil. Saía do salão nobre para tomar um cafezinho. Vestia a toga preta de faixa azul, que ainda estava em uso na faculdade. Quando nos viu, uma turma de jovens estudantes, começou a fazer o sinal da cruz como se fosse um padre. Era muito brincalhão e assim o conheci até 1981, quando faleceu. Tive a sorte de ser sua aluna durante três anos do meu curso de História. Fui sua aluna de Brasil Colonial em 1959, no ano seguinte, no curso de Brasil Império, e em 1961, no quarto ano, deu um curso de especialização sobre Café e Sociedade no século XIX, que inspirou o livro da Emilia Viotti da Costa.¹⁵ Emília estava assistindo o curso.

Tive a sorte de estar no momento certo e no lugar certo, pois ele estava procurando gente nova para aumentar o grupo de professores de História do Brasil. No dia da minha formatura, me perguntou se eu tinha coragem de enfrentar uma sala de aula. Disse que sim, num ato de coragem que decidiu o resto de minha vida. Comecei a trabalhar como sua assistente aos 21 anos. Acho que minha curiosidade intelectual chamou a sua

⁸ O matemático Maurício Matos Peixoto (1921-2019) foi um dos fundadores e pesquisador emérito do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA). Pesquisador de renome internacional, Maurício Peixoto foi presidente do CNPq, da Academia Brasileira de Ciências e da Sociedade Brasileira de Matemática (SBM) (IMPA, 2019).

⁹ Leopoldo Nachbin foi um matemático brasileiro. Conhecido pelo Teorema de Nachbin, foi membro fundador do Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada e do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (WIKIPEDIA, 2020).

¹⁰ Simone Weil (1909-1943) nasceu na França, foi escritora, mística, filósofa, lutou na guerra civil espanhola ao lado dos republicanos e na resistência francesa. Publicou várias obras resultado de pesquisa das quais participou presencialmente, como a obra "Diário da fábrica", resultado de seu trabalho como operária na Renault (WIKIPEDIA, 2020).

¹¹ André Weil (1906-1998) foi um matemático francês reconhecido pela sua obra seminal em [teoria dos números](#) e [geometria algébrica](#). Lecionou na Universidade de São Paulo por dois anos, a partir de 1945. Também lecionou na Universidade de Chicago, de 1947 a 1958, antes de estabelecer-se no Instituto de Estudos Avançados de Princeton, Nova Jérsei (WIKIPEDIA, 2020).

¹² Pierre Chaunu (1923-2009) foi um historiador francês, especialista em estudos sobre a América espanhola e de história social e de história religiosa da França durante o Antigo Regime (séculos XVI, XVII e XVIII) (WIKIPEDIA, 2019).

¹³ Edward Palmer Thompson (1923-1993) foi um historiador inglês de orientação marxista. Em 1946 formou um grupo de estudos históricos marxistas junto com Christopher Hill, Eric Hobsbawm, Perry Anderson, Rodney Hilton, Dona Torr, dentre outros (WIKIPEDIA, 2020).

¹⁴ Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) foi um historiador, crítico literário, jornalista e um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores (PT). Sua vida foi praticamente dedicada aos seus livros. Chegou tarde à universidade, em 1958, quando defendeu tese para a cátedra de História do Brasil. Foi catedrático da Universidade de São Paulo, até 1969, quando se aposentou, em protesto contra a cassação de professores da USP pela Ditadura Civil Militar. Em 1936, lançou seu primeiro livro Raízes do Brasil, onde faz uma revisão da história do Brasil e destaca a permanência de alguns traços da escravidão, assim como a persistência na política da sobreposição do privado no público, desencadeando a frequente violência e o domínio personalista. Sérgio Buarque desenvolveu as teses buscando compreender a história do Brasil e as origens dos problemas brasileiros, construindo a compreensão do "brasileiro" como "homem cordial", isto é, aquele que age pelo coração e pelo sentimentalismo preferindo as relações pessoais ao cumprimento de leis objetivas e imparciais. Atualmente, sua obra é reconhecida como um dos mais importantes clássicos da historiografia e da sociologia no Brasil (FRAZÃO, 2020).

¹⁵ Emilia Viotti da Costa foi uma historiadora e professora brasileira. Autora de vários livros, entre eles Da Senzala à Colônia, publicado pela Editora UNESP, que aborda a transição do trabalho escravo ao livre na zona cafeeira paulista e é considerado referência obrigatória para estudiosos do período. Ver: RODRIGUES, 2018.

atenção, o que o levava a me emprestar com frequência os livros da sua biblioteca.¹⁶

Como assistente, eu dava aulas uma vez por semana. Fui contratada na era do apogeu do salário, os professores ganhavam bem. Quer dizer, bem! O salário do professor, no topo da carreira, naquela época, era igual ao de juiz. Dois, três anos depois, deixou de ser e foi descendo. Mas foi uma época boa. Comprava muitos livros e estudava muito para discutir nos seminários de textos de que estava encarregada, que ocorriam imediatamente após as aulas do prof. Sergio. Lutei intensamente contra minha timidez. Nem todos me levavam a sério. O prof. Eurípedes,¹⁷ que era o "coronel", mandava no Departamento de História, fazia toda a política. Esse não me levava minimamente a sério. "Ah, é o sorriso Coca-Cola", ele dizia. E eu seríssima! Trabalhando intensamente, porque o prof. Sérgio era muito erudito. Eu escolhia o texto relacionado com a sua aula e ele me emprestava os livros para preparar os seminários. Era muito jovem e enfrentava gente bem mais velha durante os seminários.

Como foi o seu relacionamento com o professor Caio Prado Júnior? Quanto tempo ficaram juntos? Ele era muito mais velho que você, não era?

Prof. Sergio, ao aposentar-se, em 1968, fez o que pode para que Caio Prado o sucedesse, mas a interferência da ditadura militar na universidade o impediu de fazer o concurso. Chegou a escrever uma tese para esse concurso e começou a frequentar os cursos de História do Brasil. Eu o conheci na casa do prof. Sérgio. Era o historiador que eu mais tinha lido desde o Ginásio. Eu tinha 28

anos e acabava de ter minha primeira filha em um período doloroso de minha vida. Meu irmão Gabriel tinha se suicidado e eu tinha me separado de meu primeiro marido. Caio Prado era um homem muito insinuante, muito charmoso. Ele tinha 60 e poucos anos. Ficamos quase cinco anos juntos. Foram anos muito difíceis porque ele foi preso após o AI-5. Ele tinha dado uma entrevista aos estudantes do grêmio da Faculdade de Filosofia e foi acusado de incitar os jovens à luta armada.¹⁸ Pretendiam afastá-lo da Universidade e dar um exemplo para intelectuais da esquerda. Foi processado por uma auditoria militar e condenado a cinco anos de prisão.

Como foi a prisão de Caio Prado? O que você fez? Acompanhou? Você tinha algum envolvimento com a resistência à ditadura?

No dia em que Caio foi preso, quando eu cheguei em casa, o prof. Antônio Candido estava lá para ter notícias do Caio. No dia seguinte, fui com ele à casa do Fernando Henrique, na esperança de alguma interferência junto aos militares. Fernando Henrique disse que não tinha possibilidade de fazer nada a respeito da prisão do Caio, porque os militares estavam decididos "a cortar a cabeça" – esse foi o termo que ele usou – de qualquer professor da USP que se manifestasse. Os demais já estavam fora da USP, ele (Fernando Henrique) já tinha sido forçado a sair, assim como Florestan Fernandes, Otavio Ianni, Emilia Viotti da Costa e vários outros.

Foi muito difícil para todos. Caio ficou os primeiros meses na prisão Tiradentes e depois foi transferido para o quartel do exército no bairro Jaguaré, bem atrás do *campus* da USP. Fui todos

¹⁶ A obra *Conversa com historiadores brasileiros* também é uma referência importante para conhecer a trajetória intelectual da Professora Maria Odila Leite da Silva Dias. Utilizamos esse fragmento porque consideramos que sintetiza uma das características mais presentes na sua trajetória como pesquisadora e professora: "a curiosidade intelectual" (MORAES; REGO, 2002, p. 187).

¹⁷ Eurípedes Simões de Paula (1910-1977) foi advogado, historiador e professor. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da USP (1931-35). Licenciado em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia da USP (1934-1936). Professor catedrático, por concurso, de História Antiga e Medieval da USP em 1946. Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Humanas da USP, eleito por quatro anos, a partir de 1974. Morreu (atropelado) em 1977, no exercício do cargo, quando seu nome era lembrado para reitor. Exerceu, de 1954 a 57, o cargo de vice-reitor. Representou a congregação da Faculdade de Filosofia no Conselho Universitário em duas ocasiões (1946-50 e 1960-68). Conselheiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de SP (desde 1963). Foi diretor do Museu de Arte e Arqueologia e Coordenador de Assuntos Culturais da USP. (INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO, [20--?]).

¹⁸ No dia 13 de março de 1967, em pleno regime militar, o Grêmio Estudantil da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da USP publicou o número zero do jornal *Amanhã*. Na edição n. 6, o jornal publicou a síntese da entrevista de Caio Prado Junior à *Revista Revisão*, publicada desde 1965 pelo grêmio da FFCL, que continha artigos analíticos de cunho acadêmico escritos sob uma perspectiva marxista sobre política, economia e temas sociais e culturais. Nesse depoimento Prado defendeu a legitimidade da luta armada como última alternativa, caso não fosse possível derrubar a ditadura pelas vias democráticas. No dia seguinte à publicação o Dops viria a fechar a revista e o jornal *Amanhã* justamente por causa dessa entrevista (SMIRNE, 2017).

os dias levar o almoço. Frequentar a prisão naquela conjuntura era ver colegas e alunos torturados. Coincidia a hora do almoço com a chegada dos camburões do centro de tortura da OBAN.¹⁹ Nas tardes de quarta-feira eram permitidas as visitas. Frei Beto e Frei Tito eram levados por amigos dominicanos a passear no sol. Eram arrastados pelos ombros, não podiam pôr os pés no chão. Um desses dominicanos era meu aluno no curso de terça-feira. Nunca tocamos no assunto, tal o clima de tensão que havia na Universidade. Foi um período muito árduo para todos. No quartel, Caio era o único preso. Durante as visitas, nos primeiros meses, éramos tratados na mira de metralhadora como terroristas perigosos. Puseram Caio numa cela, bem na frente, junto à entrada do quartel, dando para a rua. "Deixa esse comunista aqui, porque quando os terroristas jogarem bomba, vai cair na cabeça dele". Eu não sei o que aquela gente tinha na cabeça, é claro que não houve nenhum atentado contra o quartel. Das três às cinco horas era o horário da visita. Colocavam duas cadeiras lado a lado e, na frente, a pouco mais de um metro, um soldado com uma metralhadora apontada para nós. Me irritava muito aquela arma apontada para nós. Eu achava um absurdo. Fiz um pedido formal, conversei com o sargento, pedi que "por favor, apontasse a arma para o chão. O comandante mandou um despacho por escrito: "Soube que a companheira do preso, em palavras de baixo calão (sic), contestou a capacidade do cabo de fiscalizar a visita". Um dia, quando estavam mais calmos, tirei esse papel da pasta, que tinham esquecido sobre a mesa da sala de visitas e o guardo comigo para lembrar a truculência da ditadura militar. Eu era bem imprudente. Tive

vários conflitos no quartel.²⁰ Na verdade, como ele ficou muito tempo lá, quase 16 meses, com o tempo, conquistou a confiança dos sargentos, tanto que eles pediram para ele dar um curso de marxismo. Eles queriam saber mais sobre o que eles estavam combatendo, e acabou amigo deles.

Com o tempo, a agressividade com as armas diminuiu. Acontece que o filho mais jovem do Caio se suicidou e, a princípio, recusaram dar licença para Caio ir ao enterro. Lembro de ter tido uma discussão com o sargento e o comandante, alegando como se sentiriam na mesma situação. O problema foi resolvido em um escalão mais alto. Danda,²¹ filha do Caio, foi falar com o comandante geral do Segundo Exército e ele deu uma ordem permitindo a ida de Caio ao enterro.

Esses foram anos conturbadíssimos para mim. Tudo aquilo era um mundo de censura, basicamente só se falava dos presos. Eu ia às prisões e seguia o processo da Emilia Viotti da Costa na Auditoria Militar, na rua Brigadeiro Luís Antônio. Tinha esse tipo de engajamento que era estar nas prisões, visitar as pessoas e dar apoio, porque eu não estava em algum grupo político, era amiga das pessoas que estavam. Era esse tipo de apoio que fazíamos: circular as notícias, quem foi preso e quem não foi, eventualmente hospedar e socorrer os que estavam ameaçados de prisão. Nas reuniões feministas de que eu participava, muitas pessoas tinham amigos, alunos, primos, maridos, companheiros que estavam presos.

Essa situação durou um ano e três meses. Eu conhecia muitos alunos que estavam presos na Tiradentes e vários professores colegas da Faculdade de Filosofia, alguns deles estavam muito machucados. Vários incidentes aconteceram nessa época. Entre os presos, havia um

¹⁹ Segundo Marcos Napolitano, a Operação Bandeirantes, prenúncio da metodologia repressiva do DOI-Codi, tinha uma estrutura flexível, composta por um mix de militares, policiais civis e policiais militares" e foi responsável por "caçar", torturar e matar os chamados "subversivos". Um conceito amplo que "englobava tanto os combatentes da luta armada, a rede de apoio direto e indireto às organizações clandestinas, bem como qualquer militante de partidos de esquerda ou movimentos sociais, inclusive aqueles que não tinham aderido à luta armada". A Oban era alimentada, também, pelo dinheiro de empresas privadas (NAPOLITANO, 2018, p. 133-134).

²⁰ Em 1935, quando integrava a Aliança Nacional Libertadora, ele participou da chamada "Intentona Comunista". Com a repressão que se seguiu, Caio Prado, junto com toda a cúpula do Partidão, passaria os dois anos seguintes na prisão: em 1948, após a cassação do registro legal do PCB e de seu mandato como deputado estadual; em 1964, logo depois do golpe civil-militar, quando, com seu filho, Caio Graco, foi acusado de publicar livros subversivos pela editora que fundou em 1953, a Brasiliense; e em 1970, quando, depois de alguns meses de exílio no Chile, foi condenado a quatro anos e meio de prisão (PERICAS, 2016).

²¹ Yolanda Cerquinho da Silva Prado (Danda Prado), filha de Caio Prado Junior, é bacharel em Pedagogia pela Universidade de São Paulo. Fez doutorado na França defendendo a tese na Universidade Paris VII em 1977. Foi editora da Brasiliense e é autora de obras como *O que é aborto* (1991), *O que é família* (1984), entre outros.

primo-irmão meu, Jose Olavo Leite Ribeiro e a namorada dele, Elenice Guariba, que mais tarde foi presa de novo no Rio de Janeiro e assassinada na prisão, em Petrópolis. Quando Caio foi posto em liberdade, decidi fazer um estágio de doutorado em Yale, porque havia um prazo para apresentar o doutorado e não via como poderia conseguir fazer uma tese naquele ambiente.

Tinha completado meu mestrado em 1965. Foi um estudo sobre as afinidades de visão do processo histórico e de estilo de narrativa entre Robert Southey e Walter Scott. A ênfase na continuidade histórica, como um vir a ser orgânico, em vez do processo histórico como progresso linear, foi um dos aspectos mais característicos das suas obras. Representavam a História como uma continuidade de vidas quotidianas a absorver catástrofes, a restabelecer a harmonia e o equilíbrio nas inter-relações de todas as classes no organismo social e a reformular, no cadinho das tradições e dos grandes valores humanos, as transformações bruscas e radicais trazidas pela revolução francesa. Foi um ensaio sobre a descoberta pela historiografia das especificidades de conjunturas históricas, sobre mudanças e diferentes ritmos do tempo. Tratava-se, no limiar do mundo moderno, do que viria a ser o historicismo entre filósofos e historiadores alemães. Elaborar a historicidade das instituições, dos costumes, da cultura, do conhecimento e enfatizar as mudanças através das gerações passava a ser uma arma e um poder crítico sobre ideologias e sistemas que pretendiam ser permanentes e imutáveis.

No doutorado, eu visava situar a História do Brasil de Robert Southey nos meandros da presença inglesa no Brasil e na ideologia de expansão do Império do Comércio Livre britânico pelo mundo afora. O conhecimento situado no tempo exigia uma abertura de múltiplas mediações entre o sujeito historiador e o meio em que vivia, abarcando seu modo de conscientizar-se face à política de expansão colonial e às tensões da Revolução Industrial na Inglaterra. Inspirada por E. P. Thompson e Raymond Williams, quis inserir o autor e suas obras e artigos sobre literatura de viagens no cadinho dos conflitos sociais do meio em que vivia. Trabalhar mediações, confrontos,

preconceitos e, sobretudo, o etnocentrismo dos diferentes ambientes intelectuais ingleses, convencidos de sua missão civilizadora no mundo. Esse trabalho em 1971 foi pioneiro dos *Estudos Culturais* que despontavam na esteira da independência dos países africanos. O conhecimento, necessariamente situado na sua época e meio cultural, passava a ter dimensões críticas no âmbito das inter-relações culturais do mundo, no sentido de denunciar o etnocentrismo e o conceito fundamental do sujeito universal do conhecimento. Nesse sentido, o trabalho sobre o historiador inglês do Brasil abriu amplos panoramas e mediações entre a consciência de ser inglês e a política cultural e comercial de serem os ingleses os donos do mundo.

Como foi sua ida para Yale para fazer seu doutorado? E qual foi o impacto dessa atividade para a sua vida profissional?

Eu tive uma bolsa da Fapesp de *visiting scholar* por um ano. Nessa época, eu tinha 31 anos. Na torre da biblioteca de Yale tive oportunidade de sondar os limites do conhecimento do sujeito universal, branco, europeu e anglo saxão. Já despontavam os primeiros estudos que viriam formar a área dos *Cultural Studies*, como, por exemplo, o livro de Philip Curtin *A imagem da África*. Abria-se, nos meios acadêmicos, a consciência da pluralidade dos sujeitos sociais do conhecimento e, também, na esteira dos estudos de crítica do etnocentrismo cultural, multiplicavam-se estudos das epistemologias feministas. Fui arrebatada pelas vertentes novas de uma revolução nos paradigmas das Ciências Humanas. Pluralidade dos sujeitos históricos, diversidade dos sujeitos do conhecimento, papéis sociais informais e improvisados desvendando e confrontando as relações de poder a definir papéis normativos para mulheres das diferentes classes e etnias. O meio acadêmico abria-se para o estudo dos movimentos sociais, das minorias, para a ênfase no desafio e nas possibilidades de tradução entre culturas, mais o aprofundamento do esforço de interpretar as diferenças culturais.

Quando voltei de New Haven, em 1972, comecei a pensar formas de abordagens para uma His-

tória das Mulheres no Brasil. Fiz uma reviravolta na minha vida de pesquisadora da História Intelectual e das ideias para os parâmetros teóricos outros e novos que possibilitariam uma História do Quotidiano de mulheres escravas e forras.

Voltei-me para a documentação de estratégias de sobrevivência de amplos setores informais, discutir cidadanias sociais incompletas, os limites de papéis sociais prescritos, o alcance precário das leis e de normas sociais das elites, o próprio alcance e os limites dos Estados Nacionais para com amplos setores das populações, que nunca abrigaram.

Quando da minha volta a São Paulo, o prof. Sérgio já não fazia parte do Departamento de História. Tinha se exonerado quando da demissão forçada de muitos professores, logo depois do AI-5, em 1968. Ele não foi demitido, mas se aposentou em solidariedade aos professores demitidos. Naquela época, quando se aposentou, não pode continuar como meu orientador e a professora Maria Teresa Petrone passou a ser minha orientadora formal. Era uma das professoras da antiga cadeira de História do Brasil. O prof. Sérgio fez parte da minha banca de doutorado.

Tanto o prof. Sérgio como o prof. Antônio Candido, durante as visitas de sábado à tarde na casa do prof. Sergio, na rua Buri, caçoavam do meu tema, pois achavam que a pesquisa não teria fim. O prof. Antônio Candido imitava-se bem velhinho: "Ô, Sérgio, olha lá quem tá chegando, a Maria Odila, ainda está fazendo pesquisa para aquela história das mulheres no Brasil" (risos). Eles achavam que eu podia pesquisar 20 anos que não ia sair nada! Defendi a livre docência em 1982, aos 42 anos.

Esse projeto de História das Mulheres que você estava começando foi o que resultou no livro *Quotidiano e Poder*? Onde e quando foi realizada a pesquisa para esse livro? A publicação dele trouxe impacto para sua carreira? Como foi a recepção do livro? Com quem você dialogava?

Em 1975 eu voltei para o Estados Unidos. Havia um convênio da USP com a Universidade do Texas, em Austin. Na biblioteca de Austin havia o melhor acervo sobre a América Latina. A Library of Latin American Studies facilitou muito a pesquisa das

mulheres, tinham de tudo. Fiz quase toda a pesquisa para a minha tese de livre docência lá, porque eles tinham as atas da Câmara de São Paulo. Você queria ver uma ata da Câmara da Cidade do México, eles tinham. Queria ver do Equador, eles tinham. Era um fenômeno aquela biblioteca! Tinha acessos de inveja, pois pesquisar o tema de mulheres escravas e forras era um horror em São Paulo. Tinha que ficar circulando pela cidade inteirinha para pegar uma ata. Procurava na Biblioteca Municipal, depois na Biblioteca de Direito. Era necessário procurar em vários lugares, era muito difícil.

Com a publicação do livro *Quotidiano e Poder* (1984), as pessoas ficaram surpresas e Fernando Novaes me perguntou como é que eu tinha escrito um livro sobre nada (risos). O nada era o informal, não entrar no Sistema Colonial do Atlântico, não tratar de economia, era considerado nada! (risos). Queria chamar atenção para a imensa maioria da população do Brasil colonial que apenas lutavam pela sobrevivência e tendo sucesso nessa margem mínima construíam uma política informal de resistência aos poderes e autoridades, sobretudo nas vilas. Escravas e forras estavam à margem do setor produtivo, eram multadas porque vendiam. O comércio era clandestino. Era o seu modo de alimentar os quilombos, os escravos, elas tinham essa organização de sobrevivência. "Sobrevivência???" (risos).

O que eu estava fazendo era dialogar com autores que já estavam discutindo, desde os anos de 1960, as vicissitudes das relações de poder. Pensadores como Merleau Ponty, Henry Lefebvre, Jean Baudrillard, Pierre Bourdieu, Agnes Heller, Claude Lefort, Jürgen Habermas, Michel Foucault, Mikhail Bakhtin, Gilles Deleuze e Felix Guattari estavam politizando o cotidiano em seus estudos. Era uma tendência internacional. Mas algumas pessoas do meio universitário ainda não tinham com clareza o que eram as relações de poder no cotidiano da vida dos sujeitos históricos e o alcance da politização do privado no dia a dia de consumidores e trabalhadores informais, ou a privatização do público, problematizado por Habermas. O cotidiano estava na ordem do dia, mas na USP demorou para entrar. Eu dei meu primeiro curso de História das Mulheres em 1972.

Poucos alunos se interessavam. Era um embate de posições metodológicas e forte resistência aos estudos feministas, que começavam a revolucionar as ciências humanas.

Você é reconhecida como uma intelectual feminista. O livro *Quotidiano e Poder*, além de ter sido bem recebido pelo movimento negro, foi reconhecido como um livro feminista. Quando você se tornou feminista? Você participou de algum grupo feminista?

Eu acho que feminista eu me tornei quando meu casamento deu errado, eu me separei e fiquei muito conscientizada de questões relativas às relações de gênero. Isso aconteceu em 1968, foi quando eu me divorciei. Os anos de 1970 e 1971 foram sofridos. Mas, em 1971 eu fui para Yale University. Embora minha tese não fosse sobre feminismo ou História das Mulheres, tive oportunidade de ler muitos livros feministas e descobrir editoras e autoras mulheres que discutiam o feminismo.

Em São Paulo formamos um Grupo de Conscientização Feminista.²² Esse grupo nós tínhamos começado a reunir já no final de 1969. Além de discutir leituras feministas, conversávamos sobre nossos problemas pessoais, nossas relações familiares, como qualquer “grupo de consciência”. Nenhum homem participava do grupo. Claro que, nominalmente, todos os homens (os maridos, namorados, familiares) eram simpatizantes do feminismo.

Essa conscientização dos comecinhos dos anos 1970 era muito voltada para o dia a dia, muito relacionada com a vida sexual, do preparo para a relação sexual. Algumas mulheres queixavam-se de maridos, pais, irmãos etc. O grupo se baseava na experiência de vida das pessoas e em leituras da epistemologia feminista.

Falávamos também de prisões, de quem foi ou

não foi preso ou solto. De quem estava envolvido nas guerrilhas urbanas e rurais. Pois conhecíamos essas pessoas.

Quando começaram a aparecer os congressos feministas, muitas de nós participamos. Eu me lembro de ir com algumas companheiras para Buenos Aires em 1972 ou 1973, quando, aqui ainda era uma ditadura bem fechada, e lá ainda não era. Esse foi um primeiro congresso de feministas que participamos. O mais importante a ressaltar no nosso grupo é que éramos abertamente contrárias a tendências essencialistas. Recusávamos a existência de uma cultura feminista genericamente peculiar às mulheres. Sabíamos que era uma herança histórica e que se modificava à medida que os costumes se transformavam. Quando saiu o livro da Carol Gilligan,²³ nós lemos em 1982 e detestamos. Discutíamos muito as diferenças sociais, étnicas, a imensa diversidade contida na palavra mulher, que usávamos sempre no plural para desconstruir a ideia de uma suposta condição universal feminina. Era sobretudo necessário mostrar a historicidade das mulheres, a sua pluralidade enquanto sujeitos históricos e destacar a importância do fato de tratar-se de sujeitos fragmentados, nem somente do gênero feminino, mas, também, como mães, abastecedoras de gêneros alimentícios, organizadoras dos pequenos comércios locais. Mostrar as diferenças entre os sujeitos femininos como modo de desconstruir o genérico e os estereótipos.

Nos anos 1990, participei da fundação da *Revista Estudos Feministas*. A editora era Lena Lavinas. Do corpo editorial, também participavam a socióloga Bila Sorj, a antropóloga Maria Luiza Heilborn e, ainda, Heloisa Buarque de Hollanda, Albertina de Oliveira Costa, Maria Lucia Barros Mott, Mary Castro Garcia etc.²⁴

²² Grupos de consciência ou reflexão eram reuniões de mulheres que discutiam questões do privado, como suas dificuldades com familiares, namorados, maridos e entendiam que os problemas que enfrentavam eram políticos, pois eram coletivos e culturais. Foram comuns no feminismo de Segunda Onda. A ideia, a cada reunião, era trazer um maior número de mulheres e formar novos grupos quando estivesse reunindo muitas mulheres. Assim, formar uma rede de grupos.

²³ Carol Gilligan nasceu em 1936 e foi professora da Universidade de Harvard, seu livro *In a different voice* tornou-a conhecida dentro do movimento que se chamou de “feminismo da diferença”. No Brasil, o livro de Carol Gilligan foi publicado em português, em 1982, pela Rosa dos Tempos.

²⁴ Fizeram parte da primeira editoria da *Revista Estudos Feministas*, em 1992, as seguintes pessoas: Editora: Lena Lavinas; Editora-Assistente: Valéria Lamego; Coordenadora de Edição: Ana Arruda Callado; Secretária de Redação: Liane Fonseca; Revisão: Alexander Mark Salz; Comitê Editorial: Albertina de Oliveira Costa, Bila Sorj, Heloisa Buarque de Hollanda, Lena Lavinas, Maria Lucia de Barros Mott, Maria Luiza Heilborn, Maria Odila Silva Dias e Mary Garcia Castro.

Entre 1976 até 1990, eu vivia parte do tempo em Austin e parte do tempo em São Paulo. Passava 6 meses no Brasil e 6 meses na Universidade de Texas, em Austin. Por isso não pude participar de alguns eventos importantes ocorridos no Brasil. No Texas, conheci mulheres que eram feministas muito reconhecidas.

E os partidos políticos tinham alguma interferência ou participavam desses grupos? Vocês participaram, como grupo feminista, da resistência à ditadura?

No final dos anos 1960 e início dos anos 1970 era muito difícil fazer qualquer evento público, além das reuniões privadas. Os jornais eram censurados. Claro que o Partido Comunista era bem ativo entre algumas feministas, especialmente no Rio de Janeiro.

Uma das atividades que fizemos foi a visita às prisões, como já falei. Também participamos de passeatas e manifestações, mas isso só foi possível depois de 1978. Eu me lembro de ir à Igreja da Consolação, em uma demonstração pacífica contra a tortura. E, veja, era dentro da igreja que podíamos nos manifestar sem sermos presas. Essas manifestações se tornaram possíveis no governo do General Ernesto Geisel,²⁵ depois de 1976 e, especialmente, com o movimento pela Anistia.²⁶ Em 1974, 75, 76, começou a ter uma ligeira abertura, era o governo do Geisel. A gente ia lá no Vale do Anhangabaú para manifestações.

Nós, as feministas, íamos em grupo. Lá a gente se reunia com outros grupos de feministas,

mesmo nas manifestações das "Diretas Já".²⁷ Nós íamos e ficávamos no "terreno das feministas", porque tinha uma porção de outros grupos feministas: tinha o grupo do *Mulherio*,²⁸ tinha aquele pessoal do SOS Mulher,²⁹ tinha o grupo da Therezinha Zerbini,³⁰ tinha o grupo das feministas da Danda Prado, que eram lésbicas; tinha o grupo das feministas que acompanhavam Eunice Paiva.³¹

Muitas dessas mulheres que participaram do grupo de consciência, quando começou a existir alguma abertura, passaram a atuar em diversas atividades políticas. Betty Mindlin, por exemplo, assim que pode, fundou um sindicato de mulheres na "Metal Leve".³² Todo sábado nós íamos, em grupo, na festa do sindicato da Metal Leve. Primeiro era no sindicato, depois veio a fundação do Partido dos Trabalhadores (PT).³³ E nós íamos aos bailes do partido. Lembro de dar algumas palestras sobre "História das Mulheres operárias". Nessa época eu era professora na USP. Com o tempo, fomos nos separando. Cada uma foi por seu caminho profissional, mas sempre ligadas ao feminismo.

Qual sua contribuição para a História das Mulheres e do Feminismo?

Depois que eu defendi o doutorado, em 1972, propus um curso na Pós-Graduação em História. O nome do curso era "A Mulher e a Sombra: sobrevivência e estratégias familiares". Entretanto, o prof. Antônio Cândido, que fazia parte da comissão e que aprovava as disciplinas, não aceitou e pediu para mudar o título. Sugeriu

²⁵ General do Exército Brasileiro, Ernesto Beckmann Geisel (1907-1996) foi presidente do Brasil entre 1974 e 1979.

²⁶ O Movimento pela Anistia no Brasil teve duas vertentes. Uma iniciou em 1975, com o Movimento Feminino Pela Anistia (MFPA), composto, principalmente, por mulheres que tinham familiares presos pela ditadura militar brasileira (1964-1985). O MFPA foi coordenado por Therezinha Zerbini (1928-2015). O outro foi o Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA), que iniciou suas atividades em 1978 e congregou diferentes associações e pessoas. A Lei da Anistia foi aprovada em 1979.

²⁷ Diretas Já foi o movimento que reivindicava eleições diretas para presidente. Esse movimento ocorreu entre 1983 e 1985 e foi impulsionado pela Emenda Constitucional Dante de Oliveira, que propunha uma emenda à Constituição de 1967, restabelecendo as eleições diretas para todos os cargos do Executivo e do Legislativo no Brasil.

²⁸ *Mulherio* foi o nome de um periódico feminista que, inicialmente, tinha sua sede na Fundação Carlos Chagas. Este periódico iniciou suas atividades em 1981 e encerrou em 1989.

²⁹ SOS Mulher era uma associação feminista dedicada a atender mulheres em situação de violência. Em vários lugares do Brasil foram criados grupos com este objetivo. Em 1980, foi criado um SOS Mulher que atuava em Campinas, São Paulo. No *Jornal do Brasil* de 24/04/1982, edição 00357, foi publicado o artigo "Feminismo Militante" do Caderno B. Neste, aparece um desenho com os vários grupos feministas existentes à época. Entre eles, fala de um SOS Mulher de São Paulo.

³⁰ Therezinha de Godoy Zerbini (1928-2015) foi a principal liderança do Movimento Feminino Pela Anistia (MFPA).

³¹ Eunice Paiva (1932-2018), cujo nome de batismo era Maria Lucrecia Eunice Facciolla, foi esposa do deputado Rubens Beyrodt Paiva, cassado, preso, torturado e morto pela ditadura militar brasileira em 1971. Eunice Paiva se destacou na luta pela verdade e justiça.

³² Metal Leve foi uma indústria de peças de automóvel fundada em 1951, em Mogi Guaçu, em São Paulo, por José Mindlin.

³³ O PT – Partido dos Trabalhadores foi fundado em 1980.

"Estrutura e Organização da Família no Brasil". Eu dei a "História Social das Mulheres" do jeito que podia dar naquela época, porque não tinha, ainda, muita bibliografia, e aparecia pouquíssima gente, poucas pessoas se interessavam. Já era um curso feminista, pois liamos textos das teóricas feministas. Eu repeti o curso umas duas ou três vezes. Depois passei a dar, na Pós, cursos teóricos sobre abordagens do cotidiano nas Ciências Humanas. Naquela época, na USP, não havia quase interesse pelo assunto. A partir da década de 1990, já tinha muita gente fazendo pesquisa e o clima foi se abrindo aos poucos. Minha maior contribuição para o feminismo foram as muitas e admiráveis dissertações e teses que orientei e que enriqueceram muito o conhecimento das mulheres enquanto sujeitos históricos e seus papéis na formação da sociedade brasileira.

Referências

ANDRÉ WEIL. In: WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2018]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Andr%C3%A9_Weil. Acesso em: 28 out. 2020.

AOS 98 anos, morre Maurício Peixoto, fundador do IMPA. In: *IMPA*. Rio de Janeiro, 28 abr. 2019. Disponível em: <https://impa.br/noticias/aos-98-anos-morre-o-matematico-mauricio-peixoto-fundador-do-impa>. Acesso em: 26 maio. 2020.

BETTY MINDLIN. In: WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2018]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Betty_Mindlin. Acesso em: 14 out. 2020.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Corpo, natureza e sociedade nas minas (1680-1730). *Projeto História*, São Paulo, v. 25, p. 325-359, dez. 2002. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10595/7885>. Acesso em: 28 nov. 2020.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Escravas (de cultura bantu) no Brasil no século XIX: resistir e sobreviver. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 360-381.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Escravidão indígena e estratégias familiares no Brasil Colonial. In: TAPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; IACONELLI, Vera (orgs.). *Gênero*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Coleção Parentalidade e Psicanálise, v. 3).

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Modos de ser femininos en el Brasil de entresiglos. In: MORANT, Isabel et al. (org.). *Historia de las mujeres en Espana y America latina*. 1. ed. Madrid: Catedra, 2006. v. 3, p. 721-736.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças. In: Heloisa Buarque de Hollanda (org.). *Pensamento feminista brasileiro: Formação e contexto*. São Paulo: Bazar do tempo, 2020.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Teoria e método dos estudos feministas: a hermenêutica do cotidiano. In: BRUSCHINI, Cristina; COSTA, Albertina (org.). *Uma questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1992. p. 39-53.

DIAS, Maria Odila Leite da. Hermenêutica do Cotidiano na Historiografia Contemporânea. *Projeto História*, São Paulo, n. 17, p. 223-258, nov. 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11148/8179>. Acesso em: 27 maio. 2020.

DUARTE, Paulo César Xavier. *Candido Lima da Silva Dias: da Politécnica aos primórdios da FFCL da USP*. 2014. Tese (Doutorado em Educação Matemática) –

Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/123314>. Acesso em: 27 maio. 2020.

EDWARD PALMER THOMPSON. In: WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2018]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/E._P._Thompson. Acesso em: 26 maio 2020.

FRAZÃO, Dilva. Sérgio Buarque de Holanda. In: *eBiografia*. [S. l.], 15 maio. 2020. Disponível em: https://www.ebiografia.com/sergio_buarque_de_holanda. Acesso em: 27 maio 2020.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO.

Euripedes Simões de Paula. In: *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* Rio de Janeiro, [20--?]. Disponível em: <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/ESPaula.html>. Acesso em: 27 maio 2020.

LEOPOLDO NACHBIN. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2018]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Leopoldo_Nachbin. Acesso em: 28 out. 2020.

MONTALVÃO, Sérgio. Caio Prado Junior. In: *CPDOC/FGV*. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/caio-da-silva-prado-junior>. Acesso em: 27 maio. 2020.

MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Márcio. *Conversa com Historiadores Brasileiros*. São Paulo: Ed. 34, 2002.

NAPOLITANO, Marcos. *1964: História do Regime Militar Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2018.

PEDRO, Joana Maria. Monumentos ao "Segundo Sexo" de Simone de Beauvoir. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 407-414, jan./jun. 2007.

PERICÁS, Luiz Bernardo. *Caio Prado Junior*. Uma Biografia Política. São Paulo: Boitempo, 2016.

PIERRE CHAUNU. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2018]. Última edição em 14 maio de 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre_Chaunu. Acesso em: 26 maio 2020.

RODRIGUES, Pedro. *Emília Viotti da Costa: contribuições metodológicas para a historiografia da escravidão*. 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/331338>. Acesso em: 29 maio. 2020.

SIMONE WEIL. *In: WIKIPEDIA: a enciclopédia livre*. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2018]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Simone_Weil. Acesso em: 18 out. 2020.

SMIRNE, Diego C. Jornal de estudantes contrários à ditadura completa 50 anos. *Jornal da USP*, São Paulo, 9 mar. 2017. Cultura. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/jornal-de-estudantes-contrarios-a-ditadura-completa-50-anos>. Acesso em 27 maio 2020.

Joana Maria Pedro

Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil; professora titular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, SC, Brasil.

Roselane Neckel

Doutorada em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em São Paulo, SP, Brasil; professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, SC, Brasil.

Endereço para correspondência

Joana Maria Pedro/ Roselane Neckel
Universidade Federal de Santa Catarina
R. Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n
Trindade, 88040-900
Florianópolis, SC, Brasil